



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REVISITA INICIAL SOBRE OS PAPÉIS SOCIAIS DAS MULHERES NA HISTÓRIA

Iara Dias dos Santos*
(UESB)

Ana Elizabeth Santos Alves**
(UESB)

Bruna Ferreira dos Santos***
(UESB)

RESUMO

Este artigo é resultado das discussões teóricas e da pesquisa do projeto “Formação e divisão sexual do trabalho em comunidades tradicional rural”. O texto tem como objetivo geral propor uma discussão acerca dos papéis sociais que foram limitados às mulheres ao longo da história, tendo em vista, fundamentar as análises das entrevistas realizadas nas unidades familiares das comunidades rurais do município de Planalto-BA.

PALAVRAS - CHAVE: Mulheres. História. Papéis Sociais.

INTRODUÇÃO

As mulheres ao longo da história foram consideradas inferiores e possuíam papéis sociais classificados como “insignificantes”, secundários em relação às funções dos homens, direcionados ao ambiente privado e atrelados aos conceitos como maternidade, fertilidade, fragilidade e zelo. De modo que a história das

*Graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e bolsista de Iniciação Científica (FAPESB), no projeto de pesquisa intitulado: “Formação e divisão sexual do trabalho em comunidades tradicional rural”. E-mail: iguerreira@hotmail.com.

**Doutora em Educação pela UFBA. Professora dos Programas de Pós – graduação Stricto Sensu em Memória, Ling. e Sociedade – UESB e da Graduação do DFCH/UESB; Grupo de Pesquisa Museu Pedagógico: História, Trabalho e Educação. Email: ana_alves183@hotmail.com.

***Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB e bolsista de Iniciação Científica (UESB), no Projeto de pesquisa intitulado: “Formação e divisão sexual do trabalho em comunidades tradicionais rural”. E-mail: brunafsantos@gmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

mulheres era como um “elemento frio de um mundo imóvel, elas são a água estagnada, enquanto o homem resplandece e age: afirmavam os Antigos e todos o repetem” (DUBY; PERROT, 1997, p.7). Neste sentido, este artigo tem por objetivo analisar os papéis sociais que cabiam às mulheres na história da humanidade, tendo em vista situar esses papéis na atualidade.

Segundo DUBY e Perrot (1990) os discursos científicos que eram feitos acerca dos deveres designados às mulheres, por importantes pensadores da história, da filosofia e outras áreas do conhecimento, estavam direcionados ao ambiente privado, doméstico e maternal.

Nas palavras de Aristóteles (apud PERROT, 2008), a mulher é um ser de poucas habilidades, cabendo a ela, apenas o governo do lar, o cuidado com os filhos e com o marido. Além disso, o filósofo aponta de forma extremista a superioridade masculina ao caracterizar as mulheres como seres defeituosos que estão em um limite entre a civilidade e a bestialidade.

As mulheres não são apenas diferentes: modelagem inacabada, homem incompleto, falta-lhes alguma coisa, são defeituosas. A frieza da mulher se opõe ao calor do homem. Ela é noturno, ele é solar. Ela é passiva e ele, ativo. O homem é criador, por seu sopro, o *pneuma*, e por sua semente. Na geração, a mulher não passa de um vaso do qual se pode esperar apenas que seja um bom receptáculo (ARISTÓTELES apud PERROT, 2008, p.23).

Esse discurso de Aristóteles também foi disseminado no período medieval pelo teólogo Tomás de Aquino como apontam Perrot (2008) e Nogueira (1991), considerando o corpo das mulheres no processo de gestação como o terreno para o homem fecundar a semente, de modo que o filho só herdaria as características do pai. Nessa perspectiva, a mãe não teria nenhuma influência biológica em relação ao filho.

Parafraseando Perrot (2008), a invisibilidade e o silêncio da mulher em determinadas sociedades eram vistos como algo natural e que promovia a ordem e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a tranquilidade da cidade, de modo que, as mulheres eram pouco vistas em ambientes públicos, vivendo intocadas nas casas, servindo ao marido, aos filhos e aos afazeres domésticos. O apóstolo Paulo na primeira Epístola a comunidade de Timóteo determina que a mulher preserve o silêncio perante a autoridade masculina, de modo que “a mulher aprenda em silêncio, com toda sujeição. Não permito que a mulher ensine nem use de autoridade sobre o marido, mas que permaneça em silêncio” (PAULO na primeira Epístola a Timóteo citado por PERROT, 2008, p.23).

No livro a “República”, Platão pensa na formação de uma possível cidade ideal, em que as mulheres poderiam ser educadas como os homens e mesmo diante de uma educação similar, as mulheres continuariam inferiores aos homens, uma vez que elas seriam naturalmente inferiores e os homens biologicamente superiores. De modo que, “façam elas o que fizerem, e podem tentar fazer tudo, fá-lo-ão menos bem” que os homens. Nos escritos de Platão, Gláucon²⁵⁸ fala sobre as habilidades das mulheres, mencionando que são insignificantes diante das dos homens e assim “Não percamos o nosso tempo a falar de tecelagem e da confecção de bolos e guizados, trabalhos em que as mulheres parecem ter algum talento e em que seria totalmente ridículo que fossem batidos” (PLATÃO apud SISSA, 1990, p.95).

O papel da mulher ao longo da história tradicional esteve sempre atrelado aos serviços do lar e as funções ligadas ao seio maternal. De forma que o lugar da mulher só era exercido na esfera privada. Já o homem tinha o poder sobre a família e as funções eram superiores aos das mulheres e, além disso, só o homem tinha o poder sobre o espaço público. Conforme explicam Mello, Considera e Sabatto (2007, p.2)

O papel feminino era assentado na reprodução biológica, com ênfase na maternidade e na realização de afazeres domésticos, definiu o lugar da mulher na esfera privada e, seu contraponto, o

²⁵⁸ Gláucon irmão de Platão. No livro “República” ocorre um diálogo entre Sócrates e Gláucon.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

papel masculino no exercício do poder econômico na esfera pública. Essa dicotomia entre os papéis masculino e feminino, embora esteja traçado ao longo dos séculos nos seus aspectos fundamentais, e consagrada numa relativa divisão sexual do trabalho, tem variado bastante ao longo da história da humanidade.

No período Romano, as relações sociais entre os sexos eram feitas juridicamente, nas quais ocorria uma definição dos papéis cabíveis às mulheres e aos homens legalmente. A chefia familiar era determinada pelo homem. Se a mulher possuísse fortunas e casasse com um homem sem riquezas, quando consumado o matrimônio, tanto a mulher quanto os seus bens passavam a ser propriedade do homem. As mulheres entravam no casamento como filhas que na casa do marido e sucediam-lhe, juntamente com os outros descendentes inscritos na dependência dele, na classe dos “herdeiros seus”. O direito podia então considerar as mães como irmãs consanguíneas dos seus próprios filhos, visto que estavam, tal como eles, na dependência da esfera jurídica e da *potestas* de um mesmo chefe de família (SISSA, 1990, p.142).

Em outros momentos históricos, como no período do Brasil colonial, o comportamento, a imagem da mulher na sociedade e a divisão sexual do trabalho não tinha muita diferença da mentalidade de outras épocas históricas. De tal modo que, a mulher no Brasil colonial era vista como santa, diaba e sedutora: um ser que era propício aos erros mundanos. Destarte, a Igreja reprimia a sexualidade feminina, que era amplamente vigiada. Conforme os valores da época e os princípios religiosos, os papéis sociais dos homens e das mulheres foram classificados e estereotipados, criando posturas que deveriam ser seguidos por ambas as partes de modo diverso. E, além disso, a sociedade colonial era um regime patriarcal, onde a superioridade dos homens era legitimada em relação aos deveres das mulheres. Segundo Araújo (1997)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O homem era superior, e, portanto cabia a ele exercer a autoridade. São Paulo, na Epístola aos Efésios, não deixa dúvidas quanto a isso: “As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja... Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos”. De modo que o macho (marido, pai, irmão etc.) representava Cristo no lar. A mulher estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada (ARAÚJO, 2007, p.46).

As mulheres carregavam uma espécie de “maldição” segundo a “Madre Igreja”, pautada na “narração” bíblica sobre o “paraíso” do Éden, em que, elas foram designadas ao longo da história, como responsáveis pelo surgimento do mal na humanidade. A história bíblica traz traços similares às narrativas gregas sobre a origem da mulher, como o “mito” de Pandora. Um das versões diz assim: a primeira mulher tinha por nome Pandora e tinha consigo uma “caixa” fechada que não poderia ser aberta, mas a mulher “ineptamente” abre a caixa liberando todos os males sobre o homem e o mundo. Além disso, as mulheres também eram descritas como uma criação imperfeita, como um relato publicado em 1486, por dois dominicanos alemães, Heinrich Krämer e Jakob (apud ARAÚJO, 1997, p.46).

Houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepiona a mente.

A forma como a mulher foi analisada durante longo tempo na história, foi uma descrição feita pelo olhar masculino que transmitia discursos provenientes do contexto em que estava inserido, mostrando o lugar da mulher e como deveria se comportar. Já as mulheres da classe menos abastada da sociedade enfrentavam um



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

cotidiano de dificuldades relacionadas à pobreza, preconceitos e outros tipos de situações. O exemplo são as mulheres mineiras do século XVIII que trabalhavam no pequeno comércio. De acordo com Figueiredo (1997, p.144),

A presença feminina foi sempre destacada no exercício do pequeno comércio em vilas e cidades do Brasil colonial. Desde os primeiros tempos, em lugares como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, estabeleceu-se uma divisão de trabalho assentado em critérios sexuais, em que o comércio ambulante representava ocupação preponderantemente feminina. A quase exclusiva presença de mulheres num mercado onde se consumia gêneros a varejo, produzidos muitas vezes na própria região colonial [...].

No período do Brasil colonial, as mulheres negras e pobres exerciam trabalhos atrelados ao comércio de produtos da economia de subsistência, conhecidos como gêneros de primeira necessidade. De modo que para “às mulheres era reservado o comércio de “doces, bolos, alfélos, frutos, melaço, hortaliças, queijos, leite, marisco, alho, pomada, polvilhos, hóstias, obreias, mexas, agulhas, alfinetes, fatos velhos e usados””, (FIGUEIREDO, 1997, p.144) conhecidas como “mulher do tabuleiro”. No sertão nordestino, a partir do século XIX, as mulheres menos favorecidas socialmente exerciam mais funções fora dos lares. Já as mulheres das classes mais afortunadas tinham as funções mais restritas ao ambiente doméstico. Nesse sentido,

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prezadas domésticas” – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. Entretanto, essas atividades, além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem-vistas socialmente (FALCI, 1997, p.249).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As mulheres pobres socialmente procuravam inúmeros trabalhos para assegurar o sustento familiar, até serviços que culturalmente eram designados ao homem. Exerciam serviços como:

Costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher (FALCI, 1997, p.250).

Diante do exposto acima, começamos a questionar se no dia a dia das mulheres esses discursos ainda são pertinentes, precisamente nos ajudar a refletir sobre a divisão sexual do trabalho nas comunidades rurais do município de Planalto-Ba, ou seja, o que é designado como trabalho feminino e trabalho masculino.

Nesse sentido, realizamos entrevistas com vinte (20) famílias em quatro comunidades conhecidas por Boa Vista, Jacó, Poço Dantas e Serrinha, localizadas na região da caatinga em Planalto – BA, pelo projeto “Formação e divisão sexual do trabalho em comunidades tradicional rural.”

O resultado das entrevistas mostrou, especialmente, na fala de uma moradora que quando se trata de trabalho na lavoura, tanto o homem quanto a mulher trabalham conjuntamente, mas se trata de serviços domésticos apenas a mulher realiza essas tarefas, o homem raramente presta ajuda em alguma atividade doméstica, salvando os momentos em que a mulher adoece e necessita de auxílio.

A designação que norteou o que é trabalho rural feminino e trabalho masculino fora duas categorias, denominadas como “pesado” e “leve”. “Idealmente, a oposição mulher no maneiro/homem no pesado seria um dos critérios norteadores das distribuições das tarefas, distinguindo a “órbita feminina” da



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

“masculina” (EIGENHEER, 1982, p.149). A divisão das tarefas promoviam uma delimitação do espaço da mulher e o espaço do homem. Além disso, salienta (idem, p.149) que o serviço “maneiro” traz a ideia de um trabalho leve que é apropriado para mulheres e pode também ser realizado por crianças. Já o trabalho “pesado” é classificado como “rude” que necessitava de muita “força” e o homem teria o físico mais apropriado para esses tipos de serviços. Mas na prática muda de cenário, pois os serviços pesados, como o trabalho em lavouras eram realizados tanto por mulheres como por homens, tarefas “pesadas” como: limpar o roçado, utilizar instrumentos pesados, como enxada, foice e outros.

Apesar da atuação das mulheres em trabalhos ligados à terra, fora do espaço doméstico e do quintal, conjuntamente com homens, elas estariam apenas auxiliando no serviço que é considerado prerrogativa “masculina”, mostrando assim que “a atuação da mulher permanece “invisível” quando não extrapola os limites da casa e do quintal e mesmo da roça familiar, onde seu trabalho é avaliado como ajuda ao homem” (idem, p151). Desse modo, o espaço da mulher rural só é notório quando o trabalho adquire um valor de mercadoria ao vender sua força de trabalho, produzindo riquezas que estejam diretamente relacionadas com os intentos capitalistas.

Ainda permanece nas comunidades que pesquisamos no município de Planalto - BA, a concepção de que o trabalho doméstico é um espaço mais feminino enquanto trabalho fora do ambiente privado um lugar caracterizado como masculino. Assim, foi observado na fala de um morador da comunidade Poço Dantas do município de Planalto: “dentro de casa a gente não faz nada, a não ser ela que cuida da casa e o que eu faço ajudo ela aí. Tem hora que ajudo, encho uma vazia (sic) de água, essas coisas assim né?” em outras palavras, o homem dá uma ajuda no trabalho que é designado à mulher.

Falas semelhantes foram se repetindo ao longo das entrevistas, deixando cada vez mais claro o quanto a mão de obra feminina continua desvalorizada



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

diante da força de trabalho gerada pelo homem. A jornada dupla de trabalho da mulher não é vista nem reconhecida. O trabalho doméstico ainda persevera no imaginário social como algo inferior destinado, exclusivamente, às mulheres, porquanto não é considerado um trabalho, passando quase que por despercebido todo o desgaste e cansaço que as atividades domésticas carregam.

Quando o assunto é ajudar na lavoura ou criação de animais a situação é semelhante, observamos por meio da fala de uma moradora que geralmente a mulher cuida da casa, do quintal produtivo, da criação de animais enquanto o homem trabalha fora, em serviços, como ajudante de pedreiro, motorista e outros, ou em trabalhos agrícolas, como na colheita de café, que é localizada na própria região de Planalto – BA, conhecida como região da mata. Essas ideias podem ser observadas na fala de uma das mulheres: “eu levanto seis horas quando tem muito trabalho para fazer [...] no decorrer do dia, a gente luta muito e cuida da casa e lava roupa é assim [...] meu marido está trabalhando no café, colhendo café [...] na mata, depois de Planalto”.

Durante essa entrevista fizemos a seguinte pergunta: Em relação ao trabalho de casa, seu marido ajuda? Em suas palavras respondeu à mulher: “não, ele não ajuda não, uma que às véis (sic) ele nem tem tempo e sob falar sobre coisa de casa, ele é muito é bagunceiro. Gosta de dismantelá (sic) o que tá arrumado, quando ta aqui dentro de casa”. Além disso, a moradora salienta que trabalha no serviço agrícola – na lavoura com o marido, “se ele ta capinano, eu também to, se ta prantano eu também to, é assim, sempre ajudo”. Entrevistando outra família na comunidade Jacó do município de Planalto – BA, a moradora relata sobre os seus afazeres no dia-a-dia:

[...] cuida do serviço da casa, eu tenho ali uns carneirinhos, bota essa aguinha. Tem dois leitãozinho ali, boto essa água. Boto esse comerzim, tem duas galinhas dou de comer e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

assim, é assim sem parar, e agora mesmo tava lavando umas duas louça, [...] ali joguei ali, eu tenho ali, botei uma roupa dentro da água pra lavar e é a luita assim marcada assim, só cê vendo. A vida é assim.

Ademais perguntamos ao esposo da moradora da Comunidade de Jacó, se ele ajudava a mulher nos afazeres da casa, elencou dizendo: “não faço nada, não sei fazer nada”. Em seguida: “eu aqui pra sair, eu saio já largo arroz temperado [...] carne frita, tudo. Quando vou na feira é preciso largar tudo prontinho, porque ele não sabe de nada”. Além disso, as compras da casa nessa família entrevistada geralmente são realizadas pelo homem, enquanto a mulher fica cuidando da casa: “é ele que faz as compras lá e minhas coisinhas eu que, eu faço as coisinhas de casa mesmo”.

As mulheres também realizam atividades para complementar a renda familiar como artesanato ou venda de ovos para os vizinhos. Um dinheiro que é, em suma, revertido para ajudar na renda familiar. É importante frisar que as rendas conquistadas pela mulher por meio de atividades extras ficam sob sua administração, os homens respeitam as escolhas em relação à aplicação do dinheiro recebido.

É ele, o meu, é eu e o dele é dele, ele faz a compra, quando eu também vou fazer a minha, fazer a feira, aí eu faço a compra com meu dinheiro e quando ele faz, faz com dinheiro dele. As despesas da casa ele faz com o dinheiro dele, agora produto de limpeza e remédio para as crianças, aí eu faço com meu dinheiro e também ajudo ele né, com meu dinheiro, ajudo a comprar o gás, pagar a lua, que a renda dele é bem, a renda



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

aqui e é bem pouca, então aí eu tem, eu tem que esforçar pra ajudar.

Enfim, percebemos que o papel da mulher ainda permanece assentado nos afazeres domésticos, ou melhor, ainda há uma caracterização do ambiente privado como universo da mulher, mesmo com as lutas femininas, sobretudo, que passaram a ter um novo olhar sobre a história e o lugar da mulher, buscando valorizar a atuação feminina no ambiente público em determinados períodos históricos. Ademais, também podemos deslindar por meio do decurso histórico a limitação dos papéis sociais das mulheres que eram proliferados pelos discursos masculinos, de modo que, a atuação e a história feminina ficariam estagnadas e invisíveis, enquanto os homens eram reconhecidos e destacados pela sua atuação perante a sociedade e a história. Mas é por meio dos escritos e discursos masculinos que também é possível perceber os meandros em relação à “visibilidade” das mulheres na história, valorizando a atuação feminina no ambiente público em determinadas sociedades história, questionando a historiografia ortodoxa.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 1997. p.45-77.
- EIGENHEER, Stela C. F. A pequena produção e o trabalho feminino numa área do alto Jequitinhonha. In: BRUCHINI, M.C.A; ROSEMBERG, F. **Trabalhadoras do Brasil**. SP; Brasiliense, 1982. p. 135-161
- FALCI, Miridan Canox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 1997. p.241-277.
- FIGUEREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (org). **História das mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: Contexto, 1997. p.141-188.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MELO, Hildete Pereira; CONSIDERA, Claudio Monteiro; SABBATO, Alberto Di. Os afazeres domésticos contam. **Revista Economia e Sociedade**. Campinas, SP, v. 16. n. 3, p. 435-454, dez. 2007.

NOGUEIRA, C.R. **Bruxaria e história**: as práticas mágicas no Ocidente Cristão. São Paulo: Ática, 1991.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SISSA, Giulia. Filosofia dos gêneros: Platão, Aristóteles e a diferença dos sexos. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). **História das mulheres**: a antiguidade. Porto: Afrontamento, 1990.